



GEOGRAFIA E LITERATURA: POSSIBILIDADES DE SUPERAÇÃO DO RACISMO ATRAVÉS DOS CADERNOS NEGROS.

Monique Bonifácio Barrozo¹

RESUMO

Propomos nesse trabalho relacionar a importância da literatura produzida na coleção Cadernos Negros como ferramenta de possibilidade de superação do racismo no Brasil. Dialogando com a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o estudo e aplicação sobre histórias e cultura africanas e afro-brasileiras em todas as instâncias do ensino. Neste sentido nosso objetivo é analisar o contexto de criação da Coleção, no âmbito de resistência e enfrentamento ao racismo e a literatura canônica em vigor e, contribuir para o debate entre a geografia e literatura negra, no sentido de ampliar e fortalecer as discussões para crescimento de uma geografia antirracista.

Palavras-chave: Geografia; Literatura Negra; Cadernos Negros; Educação.

RESUMEN

En este trabajo nos proponemos relacionar la importancia de la literatura producida en la colección Cadernos Negros como herramienta para la superación del racismo en Brasil. Diálogo con la Ley 10.639/03, que hace obligatorio el estudio y la aplicación de las historias y culturas africanas y afrobrasileñas en todas las instancias de la educación. En este sentido, nuestro objetivo es analizar el contexto en el que se creó la Colección, en el contexto de resistencia y enfrentamiento contra el racismo y la literatura canónica vigente, y contribuir al debate entre geografía y literatura negra, con el fin de ampliar y fortalecer las discusiones para el crecimiento de una geografía antirracista.

Palabras clave: Geografía; literatura negra; Cuadernos negros; Educación.

¹ Mestranda do curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – UFF
moniquebonifacio@id.uff.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a relacionar a importância da literatura produzida na coleção Cadernos Negros (CN) como ferramenta de possibilidade de superação do racismo no Brasil. Dialogando com a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o estudo e aplicação sobre histórias e cultura africanas e afro-brasileiras em todas as instâncias do ensino. Neste sentido nosso objetivo é analisar o contexto de criação da Coleção, no âmbito de resistência e enfrentamento ao racismo e a literatura canônica em vigor e, contribuir para o debate entre a geografia e literatura negra, no sentido de ampliar e fortalecer as discussões para crescimento de uma geografia antirracista.

Ao longo do tempo os trabalhos realizados por intelectuais, escritores e militantes negras e negros apresenta características de denuncia das condições de vida do negro brasileiro. Pois esta vertente literária vem expondo os projetos de cidade que invisibilizam ou que apresentam de forma equivocadamente negativa a população afrodescendente.

Desta forma materiais como a *Coleção Cadernos Negros*², nos apontam uma forma de compreensão das opressões socioespaciais nas quais estão expostas a população negra brasileira, porque trazem a experiência como ponto de partida de seus trabalhos literários. A fim de inverter imaginários e estereótipos presentes na sociedade, justificando assim as análises propostas por este trabalho.

Baseamo-nos assim nos estudos sobre o movimento negro brasileiro e as etapas de produção de conhecimento através da escrita que atingiu resultados brilhantes, frente aos períodos de opressão democrática no qual o movimento atravessou e resistiu.

Nos debruçamos nesta vertente nas reflexões de Nilma Lino, 2017 ao nos apresentar que movimento negro são “as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade”. (Gomes, 2017, p. 23). A pesquisadora enfatiza que este movimento se caracteriza também por sua posição explícita de combate ao racismo na busca pela libertação e quebra de bloqueios sociais na busca pela ocupação da população negra em diferentes locais e espaços.

Domingues, 2007 nos auxilia na compreensão desses períodos de constituição do movimento negro com o contexto político econômico e social do Brasil, ressaltando a

²*Cadernos Negros* é uma série literária independente que veicula textos afro-brasileiros. A série foi concebida por jovens estudantes que acreditavam no poder de conscientização, sensibilização e acolhimento da literatura, e viam na poesia uma possibilidade de expressar e promover uma arte propriamente negra. *Os Cadernos* procuram, no seu cerne, combater a discriminação racial e, no campo das Letras, resistindo de forma literária, social e política. NOGUEIRA, Isabela. s/d. Disponível em:

<https://centrocultural.sp.gov.br/cadernos-negros-a-literatura-nacional-como-difusao-de-consciencia/>

importância da construção da imprensa negra como processo de formação do restante da população negra fora dos espaços de discussão sobre a política naquele momento.

A produção de jornais próprios, com linguagem própria e principalmente construído por mãos negras, que pudessem atingir o maior número de pessoas, possível, negros e brancos, a sociedade em geral.

Com a finalidade de combater o racismo na sociedade em todas as esferas da vida individual e coletiva, constituindo assim agendas de atuação que vão desde a esfera política (partidos, elaboração de leis), no âmbito artístico (novelas, teatros, filmes, desfiles de moda, revistas, grupo/bandas musicais), na imprensa, no acesso e produção acadêmica até os mais recentes coletivos negros universitários.

Destacamos assim as associações, sociedades ou grupos de negros, formados para subverter as condições nas quais estavam expostas a população negra na recém-abolição. Destacaram-se em São Paulo a associação mais antiga que data de 1897, o “*Clube 28 de Setembro*”, o “*Club 13 de Maio dos Homens Pretos*” (1902), e o “*Centro Literário dos Homens de Cor*” (1903). No Rio de Janeiro, destaca-se o “*Centro da Federação dos Homens de Cor*” (1920). (Domingues, 2007, p. 103).

É neste período que se destaca a expansão da imprensa negra, pertencente a um grupo de negros não abastada em São Paulo, são jornais que trazem a realidade do negro brasileiro, tendo um de seus percussores José Correia Leite que evidenciava que “a comunidade negra tinha necessidade de uma imprensa alternativa”, que transmitisse “informações que não se obtinha em outra parte”. (Domingues, 2007, p. 104).

Jornais como O Menelick, O Clarim da Alvorada, A voz da Raça, O Alfinete, dentre tantos outros, foram precursores no quesito escritoras(es) negras(os) em ampla divulgação e circulação, em boa parte das grandes cidades brasileiras concentradas nas regiões Sudeste e Sul, com destaque para a imprensa negra de São Paulo, Rio de Janeiro, Uberlândia, Curitiba e Pelotas.



Figura 1 - O Menelick, 1915 – 1963.



Fonte: Imprensa negra paulista

Disponível em: <http://omenelicksegundoato.blogspot.com/2010/11/imprensa-negra-paulista-1915-1963.html>



Figura 2 - Jornal O Mutirão, Junho de 1958.

O MUTIRÃO

Órgão do Departamento Estudantil da Associação Cultural do Negro

Diretora: JACYRA DA SILVA || Redação: R. S. BENTO, 405 - 16.º ANDAR

ANO I || São Paulo, Junho de 1958 || N. 2

CASTRO ALVES: UMA VIDA E UMA MENSAGEM

De José Maria Bernadelli do G. E. Castro Alves

Era em São Paulo, e o poeta já em março de 1869 presentia a morte que se aproximava.

São Paulo enfeixou a grande glória e os lamentáveis acontecimentos que culminaram com a morte, roubando-o ao convívio da cultura brasileira, quando o poeta tinha apenas 24 anos de idade. Em São Paulo acentuou-se-lhe a tirania, mas São Paulo acolheu também a sua

tos — não dizemos de castas — de céu azul recortado de montanhas e matas verdejantes: do Arróio Xuli à Cachoeira de Paulo Afonso e à

Deu ao branco e frio mão quente, para que om' mbro lutasse por reivindicações, pela defesa do solo pátrio e suas tradições.

«Quando eu morrer... não lancem meu cadáver No fôssco de um sombrio cemitério Ódio o mausoléu que espera o morto Como viajante dêsse hotel funéreo».

racterística nitidamente brasileira, através do romantismo.

Estariamos negando a nossa condição de homens do povo, principalmente nós estudantes, se não lembrássemos Castro Alves e não o tivéssemos como bandeira de nossas lutas, posição que o poeta conquistou pelo carinho com que cantou as coisas brasileiras, pelo amor ao negro que hoje também é o povo; amor como só Castro Alves soube amar

13 DE MAIO

Wandyk Freitas

O Brasil comemorou mais um aniversário da abolição da escravidão. Como todos os grandes acontecimentos de sua História, também o da libertação dos escravos, realizado por etapas, foi conquistado sem derramamento de sangue, sem as lutas fratricidas que culminariam com a terrível guerra de Secessão nos EE. UU. da América do Norte.

Os descobridores e colonizadores da nova terra, que aqui encontraram tantas facilidades e riquezas, não souberam ser reconhecidos à Providência. E, ao mesmo tempo que Santa Cruz lhes aumentava o vasto império, dilatavam também as suas ambições e resultavam para a prepotência.

Representando embora um povo laborioso e bom, esmoreceram

Fonte: Imprensa negra paulista.

Disponível em: <http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/o-mutirao>

Avançando nas suas agendas e pelas criações de redes de atuação, surge também o Teatro Experimental do Negro, o TEN, que tinha um compromisso dentre tantos outros de formação política, discutir sobre a situação da população negra, mas sobretudo tinha um programa próprio voltado para a educação. De maneira que, todas as pessoas negras tivessem acesso ao ensino público e de qualidade e a luta pela inserção de negras e negros nas universidades. Comprometido com a formação continuada de seu público e da sociedade de uma maneira geral, o TEN também criou uma fonte jornalística própria, publicando o jornal Quilombo (1948 – 1950), que apresentava em todos os números a declaração do “Nosso Programa”. (Gomes, 2017, p. 30), programa este que era os objetivos do grupo sobre a educação.



Figura 3 - Capa Jornal Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro. Ano 1, nº 1.

Direção de **ABDIAS NASCIMENTO**

Quilombo

VIDA, PROBLEMAS E ASPIRAÇÕES DO NEGRO

NÓS

ABDIAS NASCIMENTO

NÓS saímos — vigorosa e altamente — ao encontro de todos aqueles que acreditam, — com ingenuidade ou malícia —, que pretendemos criar um problema no país. A discriminação de cor e de raça no Brasil é uma questão de fato (Senador Hamilton Nogueira). Porém a luta de **QUILOMBO** não é especificamente contra os que negam os nossos direitos, sino em especial para fazer lembrar ou conhecer ao próprio negro os seus direitos à vida e à cultura.

A cultura, com intuição e acentos africanos, a arte, poesia, pensamento, ficção, música, como expressão étnica do grupo brasileiro mais pigmentado, paulatinamente vai sendo relegada ao abandono, ridicularizada pelos líderes do "branqueamento", esquecendo-se esses "aristocratas" de que o pluralismo étnico, cultural, religioso e político dá vitalidade aos organismos nacionais, sendo o próprio sangue da democracia (Gilberto Freyre). Podemos dizer que o desconhecimento do negro como homem criador e receptivo vem desde 13 de maio de 1888 (Artur Ramos).

Nosso caso se relaciona com todo o problema que determina o predomínio político de uma raça ou grupo étnico de maior força econômica sobre outro grupo étnico ou raça sem meios. Apesar do tempo que antecedeu a conquista da América quando o Papa Pio II, Sileio Enéas Piccolomini, levantou impedimentos teológicos ao tráfico português de africanos; depois da guerra de secessão nos Estados Unidos motivada pela emancipação dos escravos; após as lutas libertadoras de Cuba e Brasil, o problema segue no mesmo pé. Quando já não se pôde falar de servidão e submissão militar, querem arrancar ao negro o domínio econômico e político de sua terra, como na África do Sul; tiram-lhe violentamente seus direitos no país que ajudou a formar e construir, como nos Estados Unidos; ou arduamente despojam-lhe dos meios psicológicos e mentais que o capacitariam a adquirir a consciência de sua verdadeira condição ante uma igualdade legal, como no Brasil.

A situação apenas esboçada torna-se mais nitida quando assistimos o Haiti pleitear e conseguir, no Pacto de São Francisco, a condenação de todas as discriminações raciais. Nas últimas eleições dos Estados Unidos, apareceu o candidato dos sudocratas Strom Thurmon com programa beligerantemente racista e obstatu, que conseguiu mais de um milhão de votos, e a própria vitória de Truman baseou-se na campanha pelos direitos civis para todo o povo norte-americano, inclusive os negros. A Índia, nesta mesma Assembleia que se realiza em Paris, levou ao conhecimento das Nações Unidas o problema da discriminação na África do Sul, onde reacionários descendentes dos contrabandistas "boers" com unicamente um milhão e meio sobre nove milhões de nativos, venceram as eleições contra o partido do general Smuts, favorável aos negros.

É transparente esta verdade histórica: o negro ganhou sua liberdade não por filantropia ou bondade dos brancos, mas por sua própria luta e pela insubordinação do sistema escravocrata (Cano Prado Jr.). Aqui ou em qualquer país onde tenha existido a escravidão. O negro regeita a piedade e o filantropismo avilantes e luta pelo seu direito ao Direito.

O negro brasileiro já conquistou seu direito teórico e codificado mas necessita o exercício ativo desse direito. Como brasileiros nós protestamos contra a existência, não só dos Ku-Klux-Klan altemígenas, como dos astotones kukluxklan de mentalidades e atitudes.

O nosso trabalho, o esforço de **QUILOMBO** é para que o negro rompa o dique das resistências atuais com seu calor humano e cultural, dentro de um clima de igualdade democrática que assegure a todos os brasileiros igualdade de oportunidades e obrigações. Os atentados é essa paridade jurídica, e de fato praticados frequentemente em nosso meio, são anti-democráticos, separatistas e lesivos à integração.

(Continua na pág. 6)

Ha preconceito de cor no Teatro?

RESPONDE A NOSSA ENQUETE NELSON RODRIGUES, O DISCUTIDO AUTOR DE "ANJO NEGRO": — "INGENUIDADE OU MA FE NEGAR O PRECONCEITO RACIAL NOS PALCOS BRASILEIROS"

Nelson Rodrigues marca uma fase na evolução do teatro brasileiro. Suas peças "Vestido de Noiva" e "A Mulher sem pecado" granjearam-lhe a reputação de nosso maior autor dramático, e outras, "Album de Família" — interdita pela Censura — e "Anjo Negro" recentemente apresentada no Físiz, provocaram debates acalorados em torno do valor de sua obra teatral, sua consideração Nelson Rodrigues verdadeiro genio, outros negando-lhe qualquer valor. Enquanto tudo isso acontece, Nelson Rodrigues prepara-se para enfrentar nossa tempestade com a próxima representação de "Senhora dos Ajoitados", a nossa "Electra" que a policia interdita também. Ninguem, portanto, mais autorizado para abrir a discussão de **QUILOMBO** em torno da existência ou não do preconceito de cor e de raça em nosso teatro.

A QUE ATRIBUE O AFASTAMENTO DO NEGRO DE MESTIÇO DOS NOSSOS PALCOS?

A nossa pergunta Nelson Rodrigues respondeu com precisão: — "Acho, isto é, tenho a certeza de que é pura e simples questão de desprezo. Desprezo em todos os sentidos, mas físico, sobretudo. Raras companhias gostam de ter negro em cena; e quando uma peça exige o elemento de cor, adota-se a seguinte solução: brocha-se um branco, "Branco pintado" — eis o negro do teatro nacional. Claro, não devemos contar uma ou outra exceção. Mas isto não constitui uma regra, e preciso uma ingenuidade perfeitamente obtusa ou uma má fé cínica para negar a existência do preconceito racial nos palcos brasileiros. A não ser no Teatro Experimental do Negro, os artistas de cor, ou fazem moliques galatos, ou carregam bandeja ou, por ultimo, ficam de fora. Por que esta situação humilhante? Vejamos alguns dos motivos mais nitidos. Em primeiro lugar, subestima-se a capacidade emocional do negro, o seu impeto dramático, a sua força lírica e tudo o que ele possui de sentimento tragico. Raras admitem que ele possa superar a

molecagem e a cachaça. Mas tais preconceitos não se representam diante do preconceito maior e mais irredutível, que é o da cor. (Continua na pág. 6)



Nelson Rodrigues

DOIS MUNDOS: PRETO E BRANCO, DENTRO DE UM SÓ PAÍS

SOBRE A VIDA DO NEGRO NOS ESTADOS UNIDOS FALAMOS O BRILHANTE JORNALISTA GEORGE S. SCHUYLER — ESTUDOS NA AMERICA LATINA SOBRE DISCRIMINAÇÃO RACIAL



George S. Schuyler palestrando com o diretor de **QUILOMBO**

Quando o Dr. George S. Schuyler passou pelo Rio em missão jornalística do "The Pittsburgh Courier", tive-me com ele um ligeiro encontro. Sorriente e bem humorado, Schuyler não esconde o escritor irônico, o redator vivo e ágil daquela secção "O mundo numa coluna", do "Pittsburgh Courier". Guardamos trechos da conversa que mantivemos. Quando lhe perguntamos sobre a possibilidade da mistura de raças nos Estados Unidos, Schuyler falou com a segurança de quem representa de fato o pensamento de toda a raça.

— É uma solução muito distante e teórica. O negro não pensa em mistura através do casamento. Para que e por que ele havia de pensar nisso? Em qualquer condição social ou cultural em que se ache, ele encontra para se casar pretas cul-

tas, educadas. O negro possui uma sociedade completa e nem gosta de admitir nela o branco.

— Porque?

— Receio de que o branco traga consigo o seu racismo. Mesmo que ele não seja racista, o negro suspeita sempre.

(Continua na pág. 2)

A grande atriz Ruth de Souza no filme "Terra Violenta" — Nota sobre cinema na pág. 6.

Ano 1 N.º 1
RIO DE JANEIRO, 8 DE DEZEMBRO DE 1948
1 CRUZEIRO

COLABORAM: Gilberto Freyre, Guerreiro Ramos, Efraim Tomás Bó, Maria Nascimento, Francisco de Assis Barbosa, J. S. Guimarães.

Fonte: <https://ipeafro.org.br/>

Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-01/>



Figura 4 - Capa Jornal Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro. Ano 1, nº 4

Prêmio Nobel para Bunche

ABDIAS NASCIMENTO

Vai o Teatro Experimental do Negro se dirigir ao Senado Norueguês afim de pleitear o Premio Nobel da Paz para o doutor Ralph J. Bunche. O nome ilustre desse negro americano transcendeu as fronteiras nativas, é um patrimônio do mundo, sendo desnecessário, portanto, encarecer a justiça e oportunidade da sua indicação à laurea gloriosa com que a Humanidade coroa a fronte daqueles que a serviram com amor, dedicação e fidelidade.

Houve um momento inesquecível e perigoso na história das relações internacionais em que os maiores e os menores países se voltaram afilhos para o negro Bunche, o grande substituto do Conde Folke Bernadote, mediador da O.N.U. na Terra Santa. Foi quando a paz, duramente ganha com o sacrificio de milhões de vidas humanas, outra vez se viu ameaçada pela guerra entre arabes e judeus que, ensanguentando o chão da Palestina, já lançava aos quatro cantos do globo seu olhar terrível de conflagração universal.

Ralph Bunche, escuro de pele, obscuro neto de escravos, burocrata humilde e amargurado, surgiu lá dum cantinho da Secretaria de Estado do governo norte-americano para, com profundo conhecimento dos problemas e da sensibilidade das minorias étnicas, numa clarividente atitude moral e psicológica ante os adversarios em luta, conseguir, naquele instante incerto e decisivo, a harmonia, a serenidade dos animos beligerantes, a paz desejada, enfim.

O conflito árabe-judeu constituiu depois do término da guerra, o maior e mais perigoso rastilho de pólvora para nova hecatombe. O Dr. Ralph J. Bunche o removeu com alto conhecimento do Direito, rara habilidade política e grande saber técnico. Nenhuma outra personalidade contemporânea fez mais ou igual que ele afim de que a Sociedade pudesse recuperar seu equilíbrio, quando periclitou a aspiração máxima do Homem que é a obtenção da felicidade num mundo livre, calmo e seguro.

Alfredo Nobel deixou em seu testamento que seria conferido um premio anual àquele que trabalhasse efetivamente pela harmonia entre os seres humanos. Norman Angel, Kellog, Aristides Briand, Lord Cecil, e, sobretudo, a figura mártir e heroica de Von Ostetky, entre outros, obtiveram esse nobre galardão. Por que não juntar-lhes agora o nome de Ralph J. Bunche?

Cumpra ao Comitê Nobel do Senado da Noruega, em 1949, honrar o mérito, o pensamento e o esforço frutífero desse verdadeiro apóstolo da liberdade e da paz que a raça negra ofereceu ao mundo, ratificando o veredictum da consciencia democrática do universo que já formulou seu voto: o Premio Nobel da Paz para o Dr. Ralph J. Bunche.

Quilombo

vida, problemas e aspirações do negro

Direção de ABDIAS NASCIMENTO

ANO 1 RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1949 Nº 4

**CR\$
1,50**

**PARA TODO O
BRASIL**

*
SUMARIO:

No centro: "OS NEGROS",
de Lima Barreto.

Colaboram: Guerreiro Ramos
— Orestes Barbosa — Péricles
Leal — João Conceição —
Maria Nascimento.

Fonte: <https://ipeafro.org.br/>

Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-04/>

Na resistência aos anos da ditadura militar, os grupos de jovens intelectuais, de movimentos sociais, escritores e demais pessoas da população negra, conseguiam se articular e realizar movimentos como passeatas, caminhadas e publicações/manifesto sobre as violências que jovens negros vinham sofrendo, as atrocidades policiais. Acontece nesse contexto a maior manifestação do movimento nas escadarias do teatro municipal de São Paulo, no ano de 1978. Consolida-se assim o movimento negro enquanto movimento social em âmbito nacional.

No mesmo ano, a fim de aglutinar e reforçar as agendas de atuação é publicado o primeiro volume de Cadernos Negros, elaborado por autores que escreviam nos jornais que entraram em declínio por causa da ditadura, e demais escritores, que nunca haviam publicado.

Cadernos Negros surge num caráter de afirmação do negro enquanto protagonista da sua própria história. O negro deixa de ser tema, de ser representado, para ser sujeito da sua escrita, da sua representação, com sua própria narrativa. Há uma afirmação positiva do ser negro, a sua realidade, um novo lócus de enunciação, a altivez da capacidade intelectual de se produzir texto (poema, conto, prosa, romance) que é em sua estrutura o/a autor/a negro/a sobre a sua realidade, sobre si mesmo,

Estamos no limiar de um novo tempo. Tempo de África, vida nova, mais justa e mais livre e, inspirados por ela, renascemos arrancando as máscaras brancas, pondo fim à imitação. Descobrimos a lavagem cerebral que nos poluía e estamos assumindo a nossa negrura bela e forte. Estamos limpando nosso espírito das ideias que nos enfraquecem e que só servem aos que querem nos dominar e explorar. (*Cadernos Negros* 1, 1978. *Apud.* Duarte, 2019, p. 37).

O posicionamento dos autores e sua explícita vontade de mudança são expressos quando enunciam o objetivo da Coleção, “Cadernos Negros é a viva imagem da África em nosso continente. É a Diáspora Negra dizendo que sobreviveu e sobreviverá, superando as cicatrizes que assinalaram sua dramática trajetória, trazendo em suas mãos o livro.” (Duarte, 2018). Nessa temática, a produção quer ser vista explicitamente como distinta da hegemônica, que tem universo próprio, discurso próprio e único, se quer a - “negritude posta em poesia”-, quer, portanto, ser parte de uma luta – “a luta contra a exploração social em todos os níveis”. E, nesse sentido, compreende a poesia como “verdade” e “testemunha do nosso tempo” (Duarte, 2018, p. 1).

Cadernos Negros – Grupo Quilombhoje Literatura de São Paulo – A primeira publicação de **Cadernos** surge em 1978 no “Festival Comunitário Negro Zumbi”, Araraquara, São Paulo, portanto no seio do Movimento Negro. Partiu da ousadia de Cuti e de Hugo Ferreira que, buscando novos adeptos à ideia, encontraram Jamu Minka, Oswaldo de Camargo e o



Fotógrafo, Oswaldo Aguiar Filho. Já no ano seguinte, outros escritores vieram também. Segundo o escritor Cuti, (Luiz Filho) no texto “Um pouco e História” (**Cadernos Negros – 8 – Contos** p. 105), foram as discussões sobre a série e livros individuais que geraram **Quilombhoje** em 1980 com os primeiros componentes: Cuti, Oswaldo de Camargo, Abelardo Rodrigues, Paulo Colina e Mário José Lescano. Em 1983, o **Grupo Quilombhoje** assume coletivamente a publicação anual de **Cadernos**. (Evaristo, 1996, p. 6. grifos da autora).

Figura 5 - Capa Cadernos Negros, v 1. 1978.



Fonte: Quilombhoje

Disponível em: <https://www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/>



O nome Cadernos Negros foi uma homenagem à escritora Carolina Maria de Jesus, autora da célebre obra *Quarto de despejo, diário de uma favelada*, dentre outras, que escrevia seus poemas, letras de canção e a história de sua vida em cadernos. O objetivo inicial era formar um coletivo de escritores e escritoras negras e publicar suas poesias e seus contos, assim como formar um público-leitor de suas obras. O primeiro volume foi lançado um ano após da morte de Carolina. (Oliveira, 2020, p. 140).

Figura 6 - Lançamento de Cadernos Negros, v. 1, 1978. São Paulo.



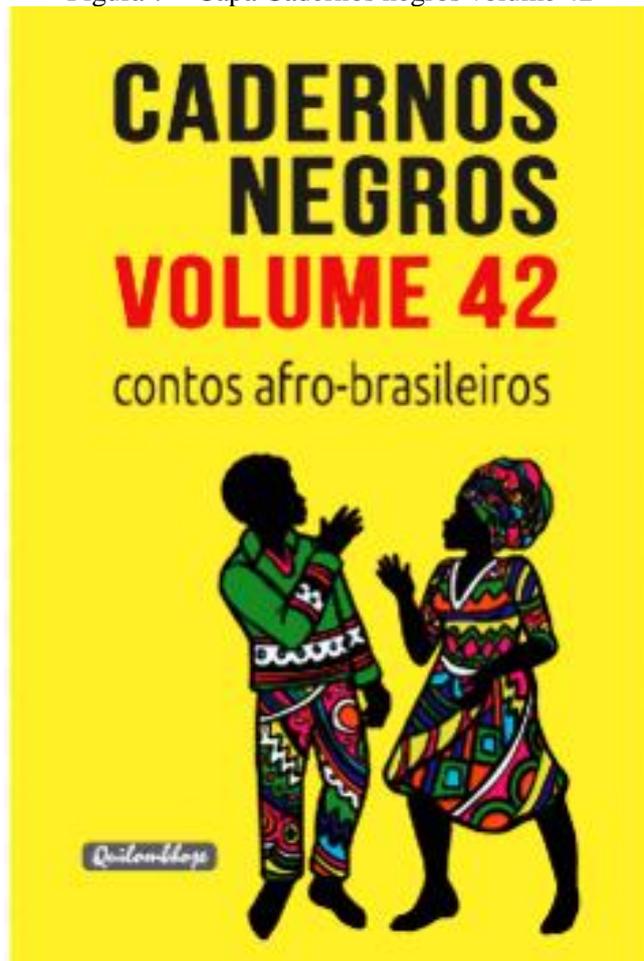
Fonte: Quilombhoje

Disponível em: <https://www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/>

Cadernos segue no seu 44º volume, intercalado nesses anos todos entre poemas e contos, sendo organizado e publicado pelo Grupo Quilombhoje, que nunca teve apoio financeiro de alguma instituição de fomento ou entidades, a não ser os próprios autores e demais membros do movimento negro. Importante destacar que na edição volume 42 – “Contos afro-brasileiros” é indicado no ano de 2020 ao Prêmio Jabuti, prêmio literário de maior importância da América Latina. Os Cadernos são a publicação mais longeva que existe de autoria negra, finalmente foi contemplada.



Figura 7 – Capa Cadernos negros volume 42



Fonte: Colégio Bandeirante

Disponível em: <https://colband.net.br/linguagens-e-codigos/premio-jabuti-conheca-a-coletanea-de-textos-cadernos-negros>

METODOLOGIA

Buscamos desenvolver esse trabalho a partir de levantamento bibliográfico, sobre literatura negra, buscando materiais que sejam capazes de apertar possibilidades de reposicionar o nosso olhar a respeito da produção de literatura negra brasileira e suas resistências. Propomos elaborar uma análise a respeito da construção e existência da literatura negra, através dos Cadernos Negros e o papel da literatura para a compreensão dos temas da geografia. Entendendo a representação, a narrativa e a geografia como campos disputados de visibilidades dos lugares e sujeitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho é parte do segundo capítulo de dissertação de mestrado, que se encontra em fase de defesa. Mas ressaltamos que este tema de pesquisa segue em constante construção e atualização. Entretanto cabe destacar que o crescimento de atividades, encontros e seminários voltados pra a literatura negra vem se destacando e ganhando grande visibilidade. Podemos mencionar por exemplo, a FLISGO – Feira literária de São Gonçalo que está na sua 5º edição; a FLUP – festa literária das periferias que realizou recentemente sua 10º edição e a FLIRENA – Festa literária do Renascença em sua 2º edição e, tantas outras feiras e festas que são realizadas e idealizadas por intelectuais, pesquisadores, militantes e coletivos que se debruçam no estudo da literatura negra.

Observamos também que, nesses eventos a presença de escritoras(es), de personalidades negras contemporaneos é marcante. Além da produção de livros, encartes e demais materiais que nos auxiliam na aprendizagem do tema e fortalecem para a expansão de uma educação antirracista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões desenvolvidas observamos que cada vez mais são necessários debates sobre o campo Geografia e Literatura, que vem cescendo vertiginosamente, nos auxiliando a expandir nossas habilidades e concepções sobre os temas e conceitos da geografia e sobre a construção da literatura brasileira, sobretudo os enfrentamentos e a necessidade do reconhecimento e valorização da literatura negra e de autores negras(os) e, o papel da escola como fundamental nesse processo de contato com narrativas que se opõem ao discruso hegemônico.

REFERÊNCIAS

CUTI (Luiz Silva). **Literatura negro-brasileira** / Cuti – São Paulo: Selo Negro, 2010. – (coleção consciência em debate/ coordenada por Vera Lúcia Benedito).

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Tempo, v. 12, p. 100-122, 2007.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de Literatura Afro-brasileira**. UFMG, BH: Rassegna iberistica. Volume.37 – n. 102. Dezembro 2014. p. 259-280.

_____. **Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX**. 2ª edição, 1ª reimpressão. Rio de Janeiro, 2019.

XV
ENAN
PEGE



ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO

EVARISTO, Maria da Conceição. **Literatura Negra: Uma poética da nossa afro-brasilidade.** Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras, PUC, Rio de Janeiro. 1996.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura negra, Literatura afro-brasileira: Como responder à polêmica?** *In:* Literatura afro-brasileira / organização Forentina Souza, Maria Nazaré Lima. _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação.** Petrópolis, RJ: vozes, 2017.